

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES - ALFREDO TOLEDO E NUNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 17 DE MARÇO DE 1889

REDACÇÃO Á RUA DO OUVIDOR - (HOTEL AUI, OEA)

N. 3

EXPEDIENTE

Assignatura (Capital) mez..... 8500
Pelo correio, trlmestre..... 28000

BIBLIOGRAPHIA

MADRIGAES DE ARAUJO FIGUEREDO

Não é preciso ser poeta para lêr e entender um poeta, quando elle attinge aquillo, a que, em linguagem do principio do seculo, se chamava as alturas do Pindo.

Não se realisa desta feita o axioma do auctor da *Noite do Castello* e do *Amor e Melancholia*:

Poetas por poetas sejam lidos,
Poetas por poetas entendidos.

E' o caso de Araujo Figueredo, que acaba de entrar pela litteratura brasileira dentro, com um volume de versos debaixo do braço, para occupar um logar distincto na f'eira onde brilham talentos litterariamente artisticos.

Não temos em mente fazer a critica sobre a obra d'arte; para isso faltam-nos dados indispensaveis, por isso que scientificos.

A missão do estho-psychologista, em a nova technica, ou, mais vulgarmente, a missão do critico, tendo diante de si o symbolo, a obra d'arte, é estudar por um processo, primeiramente, analytico e depois synthetico a significação do symbolo e suas relações com o artista e a sociedade.

E' mui difficil, posto que exequivel, fazer a analyse esthetica, determinando, pelo co-eficiente de prazer ou pena, a qualidade emocional, e pelo exame externo e interno, segundo as leis do processo esthetico.

Mas nos é totalmente inexequivel quer a analyse psychologica, quer a morphologica ou a sociologica, e isso por uma razão obvia.

A synthese esthetica, a psychologica e a social, exigidas por Emile Hennequin, como requisitos necessarios a uma critica scientifica, sam de um trabalho complexo, por demais difficil e mesmo impossivel de se levar a effeito *currente calamo*, ou como dizem os francezes *à vol d'oiseau*. De feito não pôde deixar de assim ser; porque já estão reclamando nossa attenção os livros que jazem, uns, abertos, outros, fechados, sobre a meza, em nosso gabinete de trabalho.

Limitamo-nos, portanto, a congra-

tular-nos com o auctor; pois que nos *Madrigaes* ha inspiração, sentimento, e esse profundo e delicado. Lê-se vagarosamente, repete-se um trecho que nos ficou cantando na memoria, analisa-se com escrupulo, até que - se deixa com vontade de communicar a impressão recebida, com impetos de impôr a todos a leitura d'esse volume para que saibam como tem talento o joven poeta catharinense.

A Araujo Figueredo um *shake-hands*.

Letras

Filho do trabalho, intelligencia aberta ás manifestações do bello e do sublime, constantemente entregue ás irradiações de um sol immenso, vasto e poderoso - a causa do progresso - seria censuravel, muito censuravel não corresponder ao convite que acabam de fazer-me os Srs. Alfredo Toledo e Nuno Gama para collaborar no *orgão litterario*, que desta provincia corre actualmente o mundo das intelligencias, debaixo de suas lucidas responsabilidades.

E' louvavel o esforço da vontade juvenil, quanto mais se este esforço, se este empenho, se o desprendimento completo das cousas futeis, é o apanagio brilhante que a colloca a par dos melhores principios de engrandecimento e prosperidade geral.

A litteratura na ordem do desenvolvimento moral e intellectual de um povo, occupa o primeiro logar: transumpto da civilisação e do progresso, ella descreve tudo que é possivel dos caracteres, é o verdadeiro fiel da balança de uma nação.

Se as idéas são fracas, se o pensamento rude e desalinhado só tem por apoio o brilho dos astros que amanhã desaparecem, a litteratura será apenas uma aberração da intelligencia, se porém o cunho da originalidade sella ao pensamento a aureola dos vultos immortaes, o que se escreve, o que se pensa, o que se faz correr mundo na vasta t'ela da imprensa, não desmentirá os desejos intimos de um povo, as suas aspirações, o seu civismo, o seu patriotismo.

A litteratura não é nada menos do que a liberdade do pensamento, ella a desperta, a endeosa, lança-lhe todos seus fogos, todo seu espirito, toda sua força.

Um povo sem litteratura, seria um povo barbaro, intractavel, sem merecimento.

Quem é que publica as glorias nacionaes? quem é que pôde estabelecer uma linha divisora entre algumas nações?

O poeta canta o heroismo. O que faz, o que produz o canto do poeta? Nada menos - immortalidade.

O escriptor propaga idéas uteis, nobres, elevadas, que vão reflectir na sociedade, creando novas fontes de prosperidade.

Esta é a litteratura de um povo, o seu retrato, seu cunho, seu caracter.

Quando um dia, na marcha de vossas idéas tiverdes conhecido que abençoareis esta quadra feliz da mocidade, em que congregados caminhais a passos largos para o templo glorioso do futuro.

Eu vos saúdo.

15 de Março de 1889.

SILVIO PELLICO

O LEQUE

E' um objecto extraordinario e transcendente, sobremodo!

Na orbita relativa, o leque bem pôde valer o invento da polvora, ou a descoberta do vapor e da electricidade.

A sua salutarissima influencia na hygiene social, é um facto assentado e incontradictavel.

Mal dos despreoccupados, n'uma temperatura de trinta e alguns grãos, a sombra, si não fôra a confortabilidade que vem de um abanico chinês, oscillado na dôce tranquillidade de quem possui muito dinheiro, ou de quem, esperando as cebolas do Egypto, finge ignorar que ha tambem uma virtude contra o setimo peccado mortal.

E nos bailes !...

...e vai além de
...e um recurso.
...as ao que o penteado bo-
...mais do que o pó-de-arroz,
...mais do que o espartilho, mais do
que a anquinha de arame, de pa-
lha, ou de panno amarrotado, mais
do que o sapatinho á Luiz quinze;
vale tanto como a orchestra, tanto
como a cerveja de primeira marca,
tanto como os olhares de uma rapa-
riga gentil e conversada !

Atravéz de um leque aberto ha
sempre margem para episodios agra-
daveis, episodios comicos...

E'ahi que as namoradas firmes,
leaes e ajuizadas, por uma boquinha
de fada, uma boquinha breve e de
halito agradável e perfumado, so-
pram aos ouvidos dos seus apaixo-
nados, uns queixumes que fallam á
alma, que prendem o coração á ca-
dêa dos affectos carissimos e con-
fortantes, quando deixam de ser
lembretes formaes e terminantes
para os que não sabem disciplinar
os sentimentos, respeitando a sobe-
rania da calça que vestem.

E'ahi, tambem, é atravéz de um
leque aberto, que as velhas—toma-
das, alta-noite, por um somno que
pede cama, que é positivo, que se
impõe a despeito da musica, do sus-
surro, de tudo, emfim—pregam-se a
cochillar, tão facto, cochillam com
ellas esqueçam aonde estam e quan-
tas horas marca o relógio da casa !

E n'isto está uma grande vanta-
gem para os rapazes, porque em-
quanto as mãis e as avós cochillam,
sonhando, talvez, com os ratos no
armario, as filhas e as netas dan-
sam sob o toque de um prazer, ás
vezes, positivamente indiscreto.

As bênçãos da humanidade sobre
o nome de quem lembrou-se um dia
de inventar o leque !

Desterro.

LYDIO BARBOSA

Mote

N'um rosal de brancas rosas
que grato aroma espalhavam,
duas pombinhas mimosas
mutuamente se beijavam.

Sentada á sombra ondulante
de duas tiliás formosas
tinha Dida a vista errante
n'um rosal de brancas rosas.
A seus pés, meigas, queixosas
brandas agoas suspiravam;
e das brisas que passavam
os doces effluvios puros,
nos seus cabellos escuros
que grato aroma espalhavam !

Subito, as ramas viçosas
do rosal se desuniram...
e d'entre as flôres surgiram
duas pombinhas mimosas:
innocentes graciosas,
seus amores arrulhavam,
sem saber quanto magoavam
da virge' o peito saudoso
quando em affago amoroso
mutuamente se beijavam !

DELMINDA SILVEIRA

1888.

REVERBERO

O mar espreguiçava-se resoando
com sua grande voz sonora no vasto
teclado das ondas, e vinha soffrego
e sensual beijar apaixonado as alva-
centas areias da praia.

Alvorecia. O céu arreava-se do
mais puro azul e rorejava dos espa-
thos a lagrima aljofarada do rocío.

O bateleiro, um joven de tez cla-
ra, de um perfil de linhas robustas,
sentado ao leme, nos esperava alé-
gre como a felicidade, fruindo o
fresco terral.

Entrámos no batel eu e tu, mi-
nha amada, e sahimos mar em fóra
ao som monotono dos remos, que
faziam o salseo elemento.

Entrámos no batel eu e tu, mi-
nha amada, e sahimos mar em fóra
ao som monotono dos remos, que
faziam o salseo elemento.

Então medrosa te aconchegaste a
mim, dulcificando-me a vida com o
nectario de teu coração, e languida
pousaste sobre meus hombros tua
linda cabeça, envolvendo-me na on-
da setinosa e perfumada de teus ca-
bellos.

As ondas, que com aspecto mar-
cial avançavam impolando e gal-
gando altaneiras e indomitas; as on-
das, que confundiam-se, abraçavam-
se, estorciam-se nafuria insana e
demoniaca de duas forças igualmente
colossaes, igualmente invenciveis,
gigantes que se dilaceravam, sol-
tando ao vento um brado ululante,
potencias que degladiavam na illi-
mitada arena do mar, sob a cupola
de um céu inalteravelmente lumino-
so, docemente tranquillo; as ondas,
curvando a cerviz, vinham oscular
delicada e respeitosa o batel,
que nos conduzia a mim e a ti, an-
jo de belleza a mais etherea !

Vogemos... vogamos e o nosso ba-
tel resvallava pelo dorso das ondas.
Já era a hora, em que se espan-
dem melancholias do céu empalle-

decido. O ar refrescára como que
agitado por um leque colossal.

O céu violeta esbatia-se pouco a
pouco em cinzento perola. As flôres
apresentavam as faces rosadas de
suas petalas mimosas aos labios ar-
dentes do crepusculo, collar de ouro
adornando os horisontes.

O bateleiro sempre jovial nos po-
jcu n'uma enseada hospedeira.

E, enquanto eu colhia uma sem-
previa para te collocar sobre o co-
ração, o batel sumio se nas brumas
do horisonte, e tu, minha amada,
desappareceste como uma visão, dei-
xando-me em profunda tristeza, nos
arroubamentos da paixão !

O batel era a Phantasia, o bate-
leiro o meu amor !

ALFREDO TOLEDO

Desterro, 8 de Fevereiro de 1889.

HORA DESEJADA

Um ceu azul encurva-se nos montes
verdes, perto do mar enfileirados...
Cantam as raparigas nos eirados,
do seu amôr os madrigaes insontes.

Ao longe, além, nos largos horisontes
de listões de oiro, em purpuras bordados,
do sol os raios somem-se, doirados,
e aqui marulham docemente as fontes...

E' tarde a noite lentamente desce...
E eu pela estrada verdurosa e franca
da praia, espreito se ELLA me apparece...

Ouço um bater sereno de tamanca...
Vejo quem é... Maricas se alegrece...
e fáz-me entrar n'uma casinha branca.

ARAÚJO FIGUEREDO

Desterro—89.

A FLOR INESPERADA

(UMA PAGINA DE MENDÉS)

Em uma bella tarde de verão, de
bruçados na sacada, com os rostos
unidos e os cabellos confundidos
aconteceu que um PADINHA pousou
de leve nos labios da pequena
morada, causando-lhe grande susto.

— Oh ! um vil insecto !

O namorado, porém com um
pro precursor de um beijo, fez
hir o leve argueiro, que reconhe-
ram ser uma semente trazida pe-
vento.

A gentil menina exultou de pra-
e bateu palmas, dizendo.

— E' preciso semeal-a já, al-
n'aquelle caixão. Que divina seme-
te será esta ?

Conheço os menores detalhes

botânica e no convento o meu jardim era o mais bonito de todos.

E' uma semente de heliotropio, querido! e teremos entre as vinhas e as trepadeiras: pequeninos cachos perfumados com as pontas roxas e as folhas de velludo verde!

D'esse dia em diante não pensavam senão na semente; eram mil cuidados e mil inquietações.

E' preciso regar a terra tres vezes por dia para que o germen se desenvolva com mais facilidade; porém regal-a de leve, com muito cuidado.

Quanto ao sol, pouco importa que seja ou não ardente.

Emfim, depois de muitas sollicitudes e apprehensões, chegou o tempo em que devia brotar uma fina haste de verdura.

Apenas appareceu, e mais sensível se tornou, grande foi o jubilo e vinte vezes por dia a MIGNONE jardineira se ajoelhou diante do verde canteiro para admirar a apparição do heliotropio.

Não tardou, porém, que ella se tornasse tristonha e amuada.

Ter-se-ia enganado?

Seria obrigada a confessar que pouco sabia das cousas de jardinagem?

O que é certo é que a planta nascente nada se parecia com a esperada.

Agora, o que brotava era um frágil e delgado arbusto, cujos rami-nhos soltos e espinhosos tinham aqui e alli, as folhas rendadas e esparsas.

Uma linda manhã abriu em um dos ramos uma rosa completamente vermelha.

Ah! disse a jardineira, batendo o pé, não era uma semente de heliotropio; como sou ignorante!

O namorado, porém, sorrindo-se, disse.

— Não, minha querida, não te enganaste. Basta que te recordes de que a semente trazida pelo vento passou por teus labios: foi a lembrança da tua bocca que floresceu na rosa vermelha.

NUNO GAMA

O CASTELHO DOS PHANTASMAS

(CONDESSA DASH)

A Salles Brazil e F. Margarida

(Continuação)

— Os senhores não tem mais armas?—insistio o extranho personagem.

— Nenhuma.

— Desejaria dar-lhes uma busca para verificar. Os senhores são-me desconhecidos e podem fazer-me alguma...

E adiantou-se para nós, com as mãos abertas.

Recuámos um passo.

— Não nos toque!—exclamámos. O homem deixou cahir os braços, ante a nossa attitude.

— Ora vamos! Não ficarei tranquillo emquanto não os vir bem longe d'aqui...

— Accenda o lume e deixe-nos. Não precisamos dos seus serviços nem da sua companhia.

— Os senhores pagarão?

— Largamente, a hospitalidade, a cêa e o lume.

— Bem.

Deu um grande suspiro, lançou sobre nós um olhar de desconfiança e sahio, erguendo os braços e murmurando algumas palavras.

Meia hora depois, uma chamma alegre e brilhante illuminava a sala.

Quando ficámos sós, disse Adriano, que estava mergulhado na poltrona:

— Nunca vi uma physionomia igual á do nosso porteiro... Esse homem finge ter medo de nós; mas creio que somos nós que devemos ter medo d'elle... Estariamos em mais segurança na floresta. Vamos embora.

Não Fiquemos

— Então, tomemos algumas precauções. Um de nós deve velar emquanto o outro dormir. Dorme tu primeiro, porque estás mais fatigado. Recosta-te n'esta poltrona, e descança. D'aqui a duas horas accor-dar-te-hei e tomarei o teu lugar. D'esta maneira não seremos sorprendidos e poderemos defender-nos no caso de uma aggressão, com o que encontrarmos á mão, visto que estamos desarmados,

Estendi-me na grande poltrona, perto do fogão.

Adriano sentou-se junto da meza, abriu a sua pasta e começou a des-nhar.

Accordou-me quando terminou o seu trabalho. A imaginação e o talento haviam-n'o servido admiravelmente. O desenho representava o logar onde nos achavamos, mas com o esplendor e a riqueza de tres se-culos antes. A porta da sala, aberta, dava para uma magnifica galeria illuminada onde se comprimia uma multidão de fidalgos e de damas.

Um homem de elevada estatura, com uma corôa na cabeça e as costas voltadas para o expectador, recebia as homenagens de todos. Havia tanta expressão, tanta vida n'a-quella tela, que eu julguei vêr os

personagens moverem-se, agitarem-se e fallarem.

Apenas o meu amigo adormeceu na poltrona, que eu havia deixado, puz-me de novo a examinar com extremo cuidado o trabalho por elle feito, e a minha imaginação transportou-me aos seculos XV e XVI— tão brilhantes, tão maravilhosos, e ao mesmo tempo tão criminosos e tão dissolutos.

HORACIO NUNES

(Continúa)

SONETO

(VELHO THEMA)

Tudo assim vae: a luz p'ra o adito sombrio,
O verme para o fructo, a flôr para o paúl,
As azas sobre a chamma, o ninho pelo rio,
O espirito na sombra, as nuvens pelo azul,

A fonte para a pedra, a lagrima nos cillios,
Nos labios os soluços, o coração na dôr,
A nenja compassando o canto dos idyllios,
Neblina sobre a luz, ciume sobre o amor,

A neve em campo azul, os lyrios e a saudade,
O tédio e o soffrimento em plena mocidade,
Dos espinhos no ramo, em bando, os colibris...

No emtanto quando vem da morte a imagem viva
Ave tonta, noss'alma em lagrimas recúa
Se debatendo ao pé do tumulo... feliz!

DR. BRAZILIO MACHADO

TODO Y NADA

Pois tu não vês nos ares scintillantes
O sol morrendo em ondas de fulgores?
E assim, nadando no perfume, as flôres
Largam ao vento as petalas boiantes!

E o amore e gloria, e os risos da innocencia
Afogam-se nas chammãs da esperanza!
Tudo que busca a mente e pede e alcança,
Tudo succumbe e esvae-se na existencia!

Oh! sonho! oh! luz de um paramo azulado!
Como te envolve o manto da orphanidade
Doirando os haustos do prazer gozado!

Por mais que suba o peito na anciedade,
Por mais que desça a idéa no passado,
A alma é um sopro, a vida é uma saudade!

F. QUIRINO DOS SANTOS

Campinas.

TO SLEEP, TO DREAM

Dormir, sonhar—o poeta inglez o disse...
Ah! mas se a gente nunca mais sonhasse,
ah, mas se a gente nunca mais dormisse
e as illusões não mais acalentasse?

E o que importava que o futuro risse
de um visionario que tal cousa ideasse,
se não seria o unico que abrisse
uma excepção da vida humana á face?...
Se os immortaes philosophos modernos
que derrubaram todos os infernos,
que destruíram toda a theogonia,
orientando a triste humanidade,
deixaram, mais e mais, a piedade
inteiramente desolada e fria?

CRUZ E SOUZA

OUVIR ESTRELLAS !

— Ora ! (dizeis/ ouvir estrellas ! Como Perdeste o senso !—E eu vos direi, no emtanto, Que, para ouvir-as, muita vez desperto E abro as janellas, pallido de espanto...

E conservamos toda a noite, emquanto A via iacia, como um pallio aberto, Scintilla. E, ao vir do sol, soudrso e em pranto, Indo as procuro pelo céo deserto.

Dizeis agora:—Troslocado amigo ! Que conversas com ellas ? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo ?

E eu vos direi:—Amae para entendel-as ! Pois só quem ama póde ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrellas.

OLAVO BILAC

FACTOS

PALCOS E SALÕES

Effectuou-se domingo em o vasto e esplendido salão do theatro Santa Izabel, um grande e magnifico sarão, dado pela entusiasta sociedade carnavalesca DIABO A QUATRO.

Essa sociedade, que galharda e triumphantemente já conta 11 annos de brilhante existencia, e que mereceu da Camara Municipal desta cahonroso facto de tomar a peito com affinco a democraticamente nobre e humanitaria causa que produzio o 13 de Maio, é credora de encomios pela lhaneza e cavalheirismo com que tractou os convivas n'essa esplenderosa reunião, de que teremos sempre a mais grata e saudosa remiscencia.

O salão achava-se deslumbrantemente ornado, e muitos e successivos fôcos de luz deixavam-n'o tão radiosamente illuminado, que apresentava um aspecto, que impressionando a retina de um modo agradabilissimo, assoberbava a vista. Entre galhardetes e bandeirolas, que circumdavam duplamente o vasto salão, via-se em logar de honra o bem trabalhado estandarte da sociedade, gloriosamente engrinaldado com um linda capella. Ao fundo, entre arvores convenientemente collocadas, destacava-se um bufete sempre e profusamente repleto de bebidas e de confeitos opiparamento preparados.

A imprensa localahi se fez representar, a convite gentilme: te feito pela directoria, tendo ido por esta folha o nosso affavel e delicado collega de redacção Alfredo Toledo.

Entre os muitos brindes ahi levantados devemos citar o que o Sr.

Germano Wendhausen fez á provincia de S. Paulo, representada, ou antes, personificada em o nosso collega, em resposta ao triplice TOAST por elle feito, em que saudára, como particular, ao Sr. Germano Wendhausen, como representante da POLYANTHEA a sociedade benemerita carnavalesca DIABO A QUATRO, e, como filho da provincia de S. Paulo, a provincia de Santa Catharina,

O distincto cidadão, nosso amigo Sr. Manoel Bittencourt, a seu turno, saudou a provincia de S. Paulo e o conselheiro Antonio da Silva Prado, como a synthese do abolicionismo no gabinete 10 de Março, sendo esse brinde correspondido pelo nosso collega, que mais uma vez orou larga e brilhantemente, brindando o povo e a imprensa catharinense.

A SOIRÉE, que esteve sempre animada, prolongou-se até ás 3 horas e meia da manhã, terminando pouco antes de apparecer no roseo horizonte matulino a aurora, arabesco que AB ETERNO exorna os céos, e é sempre novo, sempre admiravel, sempre sublime.

Ficámos immenso penhorados pela affabilidade com que foi tractado o nosso collega, e pela gentileza que para com elle tiveram, quer o Sr. Carlos Schmidt, que levou-o a percorrer o salão, quer o Sr. Manoel Bittencourt, que mostrou-lhe meticulosamente os compartimentos interiores, e finalmente toda a digna directoria, que foi de lhaneza sem igual.

Nossos cordiaes agradecimentos.

SOBRE A MESA

Temos sobre a mesa um elegante volume de versos do Sr. Araujo Figueredo. Já é bastante conhecido o joven poeta catharinense, seu auctor, que é um dos dos nossos mais distinctos collaboradores. Em lugar competente damos hoje a impressão que nos causou a leitura dos MADRIGAES.

Agradecemos a gentileza da offerta.

ANNIVERSARIO

No dia 12 do corrente, completou 37 annos de idade, o nosso amigo Sr. Germano Wendhausen. Por esse motivo seus amigos reuniram-se em a casa do Sr. Manoel Bittencourt e de lá foram, incorporados, á casa de sua residencia cumprimental-o. O Sr. Wendhausen surprehendeu-nos

com uma opipara meza de doces regados a FINE CHAMPAGNE. Foram então levantados muitos brindes orando os Srs. Dr. Henriques Paiva, Dr. Alexandre Bayma, Germano Wendhausen, Francisco Margarida, Virgilio Varzea, Horacio Nunes, André Wendhausen, Alfredo Albuquerque, e o nosso companheiro de trabalho Alfredo Toledo e outros cujos nomes não nos vêm á memoria.

Ao Sr. Germano Wendhausen nossos cordiaes emboras por tão justos motivos.

O TRABALHO

Recebemos a visita d'esse nosso amavel collega que vê a luz na cidade Laguna.

Muito bem redigido, está sempre a vanguarda como possante athleta de idéas liberaes na arena politica.

Quer a parte litteraria, quer a noticiosa é bem desenvolvida e mostra que tem em sua frente talentos de pulso.

O nosso estimavel collega já está em seu segundo anno de existencia, o que deixa vêr a accoitação que tem.

Aos seus abalisados redactores e colaboradores Faria um sincero amplexo.

Já está, felizmente, restabelecido o nosso talentoso e sempre prazentei collega de redacção Nuno Gama. Fugamos *ex corde* em tel-o a nosso lado pois grande era sua falta, que muito sentimos. *Ex totâ animâ* alegrámo-nos por vel-o fruir de sua preciosa saude.

ERRATAS

No ramancete—*Castello dos phantasmas*—, publicado no n.º 2 desta folha, escaparam os seguintes erros, que ora corrigimos:

Primeira columna 2ª linha—Com destino a Italia, lêa-se:—Com destino Italia.

Primeira columna 9ª linha—dos neophitos; lê-se:—dos neophytos—

Primeira columna 39ª linha—Fômos recebido— lêa-se:—Fômos recebidos—

Segunda columna linha penultima—E o senhor quer que atravessamos— lêa-se—E o senhor quer que a atravessamos—